



“Há fogo subterrâneo a engolir Lisboa”

O Terramoto de 1755

Cristina Campos | Grémio do Património

“Há fogo subterrâneo a engolir Lisboa”, escreveu Voltaire, em 1755, no “Poème sur le desastre de Lisbonne”, a propósito do sismo que destruiu aquela que era, à época, uma das mais florescentes cidades europeias. Como efeito colateral, o Terramoto de 1755 acabou por abalar fortemente os alicerces sobre os quais assentava o Iluminismo.

1 | Lisboa antes do Terramoto de 1755. Pormenor de painel de azulejos. Museu Nacional do Azulejo, Lisboa.

O Racionalismo e a rejeição da fé dogmática, associados à crença nas capacidades do Homem, sofreram um forte revés quando, no Dia de Todos os Santos, a Natureza parece ter dado uma lição sobre a sua imprevisibilidade e soberania, fazendo com que muitos se tenham voltado, ainda com mais fervor, para os santos que, nesse dia, os parecem ter abandonado. A tese do castigo divino acabou por se propagar de forma quase tão epidémica como a peste de outros tempos.

As celebrações do feriado de dia 1 de Novembro de 1755 coincidiram com um sábado. Lisboa amanheceu mais quente do que era costume para a época. Um outro fenómeno, registado com estranheza, e mais



“

Lisboa amanheceu mais quente do que era costume para a época. Um outro fenómeno, registado com estranheza, e mais tarde enunciado como possível prenúncio, ocorreu na véspera quando se notou um atraso considerável no movimento das marés. Mas, na verdade, e como sempre acontece com esta tipologia de catástrofe natural, nada fez prever o desastre em forma de sismo que se abateu, com grande magnitude e duração – cerca de 8,5 na Escala de Richter e oito minutos – e do qual resultou a morte de cerca de 10 mil pessoas.

”

tarde enunciado como possível prenúncio, ocorreu na véspera quando se notou um atraso considerável no movimento das marés. Mas, na verdade, e como sempre acontece com esta tipologia de catástrofe natural, nada fez prever o desastre em forma de sismo, que se abateu, com grande magnitude e duração – cerca de 8,5 na Escala de Richter e oito minutos – e do qual resultou a morte de cerca de 10 mil pessoas. Metade dos óbitos ter-se-ão registado durante a ocorrência, as restantes vítimas sucumbiram ainda no decorrer desse mês, por falta de meios. Muitos dos que sobreviveram às derrocadas acabaram

por não resistir ao caos provocado pelos desmoronamentos nas ruas que se fez acompanhar por uma nuvem de poeira que provocou várias vítimas por sufocamento.

Aquele que é considerado o maior sismo de que existe referência histórica, foi precedido, de acordo com muitos relatos, por um “estrondo subterrâneo que durou o tempo da vibração soando como um trovão ao longe”. Testemunhos referem também que “as casas eram abanadas como carruagens a passar a grande velocidade sobre uma calçada cheia de pedras”. Testemunhando a sua brutalidade, consta ainda que durante

as duas horas que se seguiram ao abalo principal, a terra nunca parou de tremer e que, nos primeiros oito dias, se registaram 28 réplicas e, ao fim de um ano, 500.

Por volta das 9h40, momento do grande abalo (com duração de cerca de três minutos), grande parte da população preparava-se para assistir à missa numa das igrejas espalhadas pelas 43 freguesias da cidade. Na verdade, muitas já se encontravam repletas de crentes e velas acesas, em sinal de devoção. Alguns aproveitaram o dia de descanso para visitar a Igreja Patriarcal, inaugurada há pouco



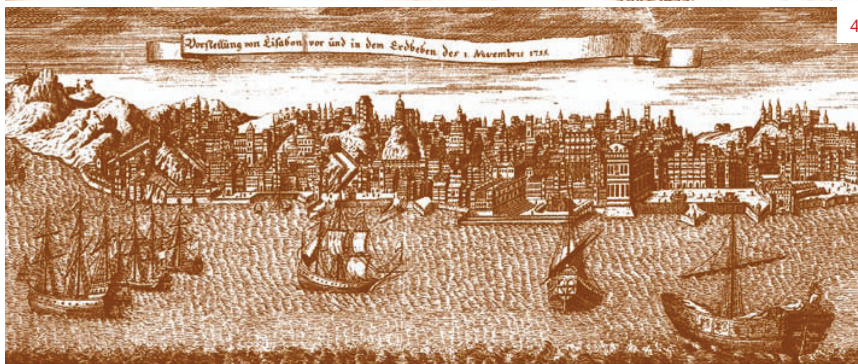
AARDBEEVING TE LISSABON, IN DEN JAARE 1755.

2



3

Joseph I. Re. di Portogallo fa riedificar Lisbona Joseph I. roi du Portugal fait riedifier Lisbonne
ditta da un tremuoto il dì 1 gbre 1755. détruite par un tremblement de terre le matin du 1



4



tempo, assim como o opulento edifício da Ópera, que abriu as suas portas no final de Março, no dia de aniversário da rainha Maria Ana Vitória. Ambos os edifícios ficaram totalmente destruídos vitimizando muitas pessoas. A aristocracia, por seu lado, registou um baixo número de vítimas porque, à semelhança da Corte (no Palácio de Belém, nesse dia), tinha por hábito, nos fins-de-semana, refugiar-se em quintas nos arredores da capital.

Imaginar a Baixa de Lisboa nesta época, foco maior da destruição, sobretudo na zona entre o Rossio e a Praça do Comércio, corresponde a elaborar um desenho mental de uma área urbana desordenada, distribuída por quarteirões com ruas muito estreitas e casas em alvenaria de pedra, com paredes espessas, aberturas reduzidas, pé direito baixo, e pavimentos e coberturas em madeira. A maioria das casas continha arcos no rés-do-chão, para evitar cheias, e a cidade era maioritariamente constituída por prédios com dois andares, nos quais residiam entre quatro a cinco pessoas por fogo. Estima-se que, aproximadamente, 10 mil casas tenham sido afectadas, mais ou menos metade das existentes. Das cerca de 20 mil habitações contabilizadas, só três mil ficaram com condições de habitabilidade depois do sismo.

Quase simultaneamente, em diferentes pontos da cidade, deflagraram vários focos de incêndio. O fogo manteve-se activo durante seis dias e acabou por destruir o que restava dos edifícios que não abateram com o sismo. Por volta das 11 horas, um tsunami inundou toda a zona ribeirinha, entre a antiga Ribeira das Naus e o Jardim do Tabaco, e só na manhã do dia seguinte o movimento das marés estabilizou.

Nos dias seguintes ao sismo, muitas foram as pessoas que se colocaram em fuga na direcção do campo. Sebastião José de Carvalho e Melo, Marquês de Pombal, depois de ter restabelecido a segurança (ordenando o despojamento dos cadáveres em alto mar e execuções sumárias de criminosos), dirigiu, auxiliado pelos engenheiros Manuel da Maia, Eugénio dos Santos e Carlos Mardel, a reconstrução da cidade seguindo, sobretudo, um modelo inglês.

A Lisboa renascida afirmou-se sobretudo comercial e laica, anulando a presença de um rei, D. José I, irremediavelmente assustado. Mas esta é outra história, a história dos dias que se seguiram àquele em que o fogo subterrâneo, evocado por Voltaire, engoliu Lisboa ■